



Para além dos ex-combatentes da Guerra Colonial há muitos outros que estiveram em conflitos mais recentes

Estudo da UC ainda deteta stress em ex-militares

●●● Quatro décadas depois do fim da Guerra Colonial, um estudo desenvolvido pela Universidade de Coimbra (UC) dá conta de que um em cada três ex-combatentes portugueses sofre de stress pós-traumático.

Acresce que, depois da guerra nas antigas colónias, milhares de outros militares portugueses voltaram a estar em cenário de guerra internacional, nos últimos anos, muitos destes também afetados psicologicamente, o que volta a colocar este problema na ordem do dia.

Nesta perspetiva, o projeto de investigação “Vítimas, Trauma e Processos Institucionais”, desenvolvido na Universidade de Coimbra (UC), conclui que 30% dos antigos combatentes portadores de deficiência sofre de stress pós-traumático, revela José Manuel Mendes, coordenador dos trabalhos, levados a cabo através do Centro de Estudos Sociais da UC.

Aqueles que procuram e obtêm ajuda psicológica acabam por lidar melhor

com as memórias das situações terríveis que experienciaram, conclui a investigação, enquanto os antigos combatentes, portadores de deficiência, que evitam recorrer a ajuda e que “se fecham sobre si” têm uma taxa de incidência de stress pós-traumático “superior”, constata José Manuel Mendes.

Sendo assim, a taxa de 30% é “um valor alto”, observa o coordenador do projeto de investigação, especialmente quando comparado com um estudo semelhante realizado em França.

Procurar sempre ajuda

Nestes casos, o caminho a seguir é procurar o apoio do Estado e da família, procurar ajuda terapêutica e usar os recursos à sua disposição.

A recuperação torna-se mais difícil (em cerca de 10 por cento) entre os que se fecharam sobre si e os que recorreram a ajuda. O coordenador do estudo chega a dizer que em Portugal a vítima surge “como uma figura polémica, ficando a ideia de que as pessoas,

só como vítimas, podem ser cidadãos”. Aliás, a Associação dos Deficientes das Forças Armadas [ADFA] deixa transparecer isso nas suas tomadas de posição, segundo José Manuel Mendes, atendendo a que esta instituição sempre usou o lema de que “os combatentes foram vítimas de uma guerra injusta e sempre reivindicou o estatuto de vítima”.

Neste contexto, o investigador defende a criação de uma Federação de Vítimas em Portugal, como acontece em França, de forma a existir uma entidade que “apenas se relaciona com o Estado, com os direitos e indemnizações”. Este projeto de investigação – “Vítimas, Trauma e Processos Institucionais” – é apresentado formalmente hoje às 15H00, no âmbito de um colóquio internacional a decorrer durante dois dias na Faculdade de Economia de Coimbra com a presença de especialistas de universidades e instituições norte-americanas, britânicas e francesas. | **António Rosado com Lusa**